



RECIBIDO EL 12 DE JUNIO DE 2018 - ACEPTADO EL 14 DE JULIO DE 2018

ENSEÑANZA DE LECTURA Y ESCRITURA: CONSTRUYENDO RELACIONES VITALES ENTRE EL SUJETO, SU IDIOMA Y SU CULTURA¹

Valdir Heitor BARZOTTO

Faculdade de Educação

Universidade de São Paulo, Brasil

barzotto@usp.br / +55 11 30918259

RESUMEN

En el presente texto proponemos una discusión acerca de las maneras de encontrar al otro por medio de textos dados a leer en procesos formativos, trayendo sugerencia de cómo operacionalizar una propuesta de lectura en cursos de formación de profesores, para que luego puedan hacer lo mismo con sus alumnos. Se toma como base la propuesta de Ortega, de que La Educación es un encuentro con el otro, y otros autores que vienen buscando entender que otros son presentados a profesores en formación por medio de textos académicos. Los datos analizados son textos académicos o mediáticos de los cuales se destacan puntos de la trayectoria de la construcción de este otro que

¹ Texto escrito com base na Conferência de abertura do II SIMPOSIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN, DIVERSIDAD, LENGUA Y CULTURA ENCUENTRO RED PARES ACADÉMICOS IBEROAMERICANOS CITY UNIVERSITY OF NEW YORK - CUNY, 8/10 DE JUNIO DE 2018.

se ofrece en diferentes textos y como conclusión se deducen algunas consecuencias del contacto entre el lector y estos textos.

Palabras claves: otro, formación de maestros, lectura, textos académicos.

RESUMO

No presente texto propomos uma discussão a respeito de maneiras de encontrar o outro por meio de textos dados a ler em processos formativos, trazendo sugestão de como operacionalizar esta proposta de leitura em cursos de formação de professores para que depois possam fazer o mesmo com seus alunos. Toma-se como base a proposta de Ortega, de que A Educação é um encontro com o outro, e autores que vêm buscando entender que outro são apresentados a professores em formação por meio de textos acadêmicos. Os dados



analizados são textos acadêmicos ou midiáticos dos quais são destacados pontos da trajetória da construção deste outro que se oferece em diferentes textos e, como conclusão inferem-se algumas consequências do contato entre o leitor e estes textos.

PALAVRAS-CHAVE: outro, formação de professores, leitura, textos acadêmicos.

INTRODUÇÃO

No número 6, volume 8 desta mesma revista, lemos pela primeira vez o trabalho de Ortega Ruiz (2017), no qual afirma desde o título que A Educação é um encontro com o outro. De tão importante, a afirmação também torna-se título do volume. O texto de Ortega nos estimulou a apresentar o modo como temos tratado o encontro com o outro em nosso grupo de pesquisa e seguir dialogando com as proposições do autor.

O diálogo já está efetivamente aberto uma vez que, no mesmo volume da revista, encontra-se o artigo de Cipullo (2017), que representa parte dos esforços que estamos fazendo na rede de pesquisadores do qual participamos para compreender que outro podemos encontrar por meio de textos.

Por concordarmos que A Educação é um encontro com outro, do nosso lugar de observação enquanto professores de idioma, nos dedicamos a estudar os modos como ocorre o encontro com o outro por meio dos textos dados a ler em situações de ensino e aprendizagem.

Cipullo (2017 e 2018), interroga, por exemplo, a respeito de imagens de criança, de seus professores e do próprio pesquisador, construídos e apresentados em textos direcionados à formação do professor de Educação Infantil. São imagens construídas no texto, nem sempre relacionadas diretamente aos sujeitos empíricos mencionados. Estas imagens, no entanto, são

ofertadas ao leitor como um outro que deve inspirar o leitor a ser melhor.

De nossa parte, já tratávamos desse modo de oferecer um outro ao leitor, exemplar a ser seguido, a partir de textos publicados em uma revista do tipo magazine publicada na décadas de 1960 a 1980 (Cf, por exemplo Barzotto, 1992 e 1998). Essas revistas, vendidas em bancas, ofereciam ao leitor um outro considerado adequado ao tempo da circulação da revista ao qual o leitor deveria se ajustar. Com apoio nos Estudos da Linguagem, mais especificamente nas teorias do texto e do discurso, e na História da Leitura buscávamos compreender como estas revistas procuravam construir lações com o leitor oferecendo-lhe modelos de outro com os quais devia se identificar para adequar-se a seu tempo.

Dentre os pesquisadores que somam esforços nessa linha de pesquisa, destacamos alguns como representativos. No âmbito da educação superior, Fabiano (2007), analisa a incorporação do discurso do outro em textos de alunos de graduação. Por sua vez, Araújo (2016) também trata das proposições de incorporação do discurso do outro, reconhecendo que textos acadêmicos, incluindo alguns escritos por pesquisadores experientes, em vez de apresentarem uma elaboração própria de seus autores, assumiram as características dos textos promocionais, mais típicos do universo publicitário, tais como aqueles que circulam em revistas magazines, vendidas em bancas.

Em Barzotto (2016), afirmamos que se pode ir ao texto para encontrar-se consigo mesmo. Porém, chamamos a atenção para o fato de que este encontro só é possível se o leitor puder encontrar o outro em sua leitura. E esse encontro com o outro depende das marcas próprias que aquele que escreveu deixou no texto. Caso estas marcas não estejam presentes, o leitor pode ir ao texto e “perder-se de si pela impossibilidade de encontrar ali



marcas características de outro sujeito”. Se ao ir ao texto o leitor não encontra nada de próprio do outro, que lhe dê trabalho para compreender e apreender como seu, se tudo o que encontrar pode ser incorporado sem maiores dificuldades, então ele não vai se perceber como outro, não vai perceber diferenças, fragiliza-se a condição de experiência e o encontro com a própria subjetividade.

É nessa direção que buscamos compreender que possibilidade de encontro com o outro os textos apresentados em situação educativa oferecem aos leitores. Por este motivo, e para formar professores em condições de promover esse encontro com o outro por meio de textos, tomamos o texto acadêmico como dado e fundamento ao mesmo tempo. Dessa forma, estaremos proporcionando aos professores em formação uma experiência similar à que vão proporcionar a seus alunos quando estiverem atuando profissionalmente.

Nosso pressuposto é o de que, para construir relações vitais entre o sujeito, sua língua e a cultura, é necessário verificar como os textos promovem essas relações e identificar os pontos em que constroem hierarquias entre as culturas ou mesmo colaboram para sua extinção.

A seguir destacaremos alguns exemplos de textos que nos possibilitam reflexões sobre o modo como se pode desconsiderar o outro no texto e suas consequências, e faremos sugestões de como explorá-los em situação de formação de professores.

1. O TEXTO ACADÊMICO COMO DADO E O DADO NO TEXTO ACADÊMICO: O OUTRO DESSA RELAÇÃO ESPECULAR.

Para tratar o texto acadêmico como dado na formação universitária, defendemos que “a formação de professores contemple um pouco de epistemologia, no sentido mais básico, ou

seja, de proporcionar sempre momentos de reflexão a respeito da relação entre sujeito e objeto, com vistas à produção de conhecimento” (BARZOTTO, 2018, no prelo).

No nosso caso, como nosso foco é o ensino da leitura e da escrita, temos de lidar com dois objetos: o texto, que é objeto de análise em nossa área, e o seu conteúdo.

Pensemos, então, em um texto acadêmico hipotético que relate uma pesquisa a respeito das interações em uma aula sobre o ciclo da vida e que os diálogos coletados girem em torno de um experimento no qual as crianças observaram o ciclo de vida de um inseto comum.

Tomando este texto como dado, chamamos a atenção para dois elementos devem ser verificados durante a leitura, além, é claro, de tantos outros que se podem observar em uma análise de textos.

Primeiro, dado que o experimento reproduz uma situação corriqueira, que poderia ser observada no cotidiano, verificar se nos dados transcritos pode-se inferir que alguma criança foi convidada a falar a respeito do que já observou.

Se isso não foi feito, podemos hipotetizar que, tanto na aula, quanto no protocolo seguido pelo pesquisador, esse outro não foi considerado. Nesse caso, o texto, como lugar de encontro com o outro, nos oferece no máximo, uma imagem desse outro como sendo aquele que não sabe, independentemente de qual seja o tema tratado. Portanto, a cultura da criança e de sua comunidade foi deixada de fora tanto da aula quanto da pesquisa.

O segundo elemento a ser verificado é quanto de ensinamento o texto oferece por meio de análises do material coletado em aula. Como, em geral, textos que analisam situações de sala de aula visam a formação de outros professores, a observação do grau de contribuição deste tipo de texto acadêmico para ampliar e aprofundar



os conhecimentos ganha importância. Considerando que o experimento não extrapola o que se pode observar no cotidiano, e na hipótese de que nenhuma criança tenha sido convidada a expor o que sabe a respeito do assunto, já se pode vislumbrar o grau de fragilidade das contribuições que o texto daria para formação de outros professores. Na medida em que este outro, a criança, é deixado de lado juntamente com o seu conhecimento por ser considerado como 'aquele que não sabe', pode-se construir a hipótese de que a mesma atitude será adotada frente a seu professor. A imagem construída a respeito daquele que trabalha com quem não sabe é a de que não sabe também, ou a de que deve saber pouco.

Para enfrentar um texto como esse, tendo em vista a observação dos dois elementos apontados acima, é necessário que o leitor se interrogue a respeito de sua relação com os dois objetos mencionados buscando responder às perguntas: o que já observou, inclusive enquanto criança, a respeito do ciclo de vida dos insetos? O que deve conter um escrito, para além da forma, para cumprir sua função enquanto texto acadêmico?

Em nosso grupo de pesquisa temos observado que é bastante comum os textos acadêmicos que se dedicam a divulgação de pesquisas com intuito de contribuir com a formação de professores considerarem depreciativamente tanto o aluno, por ser considerado como aquele que não sabe, quanto o próprio professor, que, por ensinar aquele que não sabe, também é considerado como aquele que sabe pouco (Cf. Cipullo, 2018, Araújo, 2016).

Araújo (2016, p. 33), considera que uma das características do texto acadêmico promocional consiste em "Criação de alianças com o leitor, pelo mecanismo de criação de um inimigo em comum: a) a dificuldade de aprendizado do aluno; b) a fragilidade na formação do professor".

Desse modo, o professor da escola básica é posto em geral em uma posição hierárquica inferior à do professor universitário. Exemplos de lugares de manifestação dessa hierarquia não faltam. Lembremos aqui de apenas alguns: a) embora no Brasil se tenha desenvolvido muito a pesquisa na graduação, ainda se considera que apenas alguns alunos possam fazê-la; b) conseqüentemente, professores da escola básica não são considerados como pesquisadores, mesmo depois de tantos estudos acerca da noção de professor pesquisador e do aumento de mestres e doutores atuando na escola básica, e ainda que tenham sido formados por instituições que se sustentam no ensino, na pesquisa e na extensão, e c) associações que têm entre seus objetivos influência nos processos de ensino da escola básica não contam com professores deste nível em suas diretorias, d) escassez de recursos para que as escolas desenvolvam pesquisa sem tutela.

Este modo de deixar de lado o saber do outro, de produzir uma hierarquia entre culturas e comprovar a inabilidade de alguns grupos sociais é bastante conhecido, de maneira que o inimigo em comum de que fala Araújo (2016) nos parece mais uma proposição do que uma constatação conforme procuraremos apontar a seguir.

2. ENTRECruzamento DOS DISCURSOS ACADÊMICO, OFICIAL E MIdiÁTICO: O OUTRO NO MESMO.

Em função da sobreposição de discursos (acadêmico, oficial, midiático etc.) que em grande parte se dedicam ao não reconhecimento de uma produção de saberes cotidianos, seja numa comunidade de onde os alunos são originários, seja na instituição onde estudam, entendemos que é necessário submeter textos dessa natureza à análise na formação de professores.

Nesse sentido, recorreremos aqui, para



exemplificar, a matérias que circularam na mídia em 2017 a partir de um Informe do Instituto de Estatística da UNESCO, reatualizando a já tradicional alegação de que latino americanos e africanos não aprendem.

Baseadas neste informe matérias muito similares foram publicadas em diferentes idiomas e em diferentes veículos, frequentemente sustentadas em falas de Sylvia Montoya, diretora do instituto. No presente texto nos referimos, especificamente, às matérias publicadas online em *Semana*, em 30 de setembro de 2017, em espanhol: *¿Por qué más de la mitad de los adolescentes latinos culminan la secundaria sin leer bien?* e à sua correspondente em português, *BBC Mundo*, em 11 de outubro de 2017 com o título 'Novo analfabetismo': por que tantos alunos latino-americanos terminam o ensino fundamental sem ler ou fazer contas².

Do nosso ponto de vista, estas matérias são exemplos do que consideramos uma tradição de construção de hierarquização entre culturas e de atestação de inabilidade e incompetência a determinados grupos sociais.

Submetido à análise em uma aula de formação de professores, na perspectiva de verificar a imbricada relação entre texto acadêmicos, pronunciamentos oficiais e textos midiáticos, o texto permite várias etapas de análise, remetendo a leituras que recuperem os diferentes discursos que se cruzam em seu interior. Os elementos que parecem ser mais importantes para investigação são: a identificação dos diferentes discursos e suas instâncias produtoras.

Por exemplo, na voz da entrevistada aparecem palavras como competência e habilidade,

² Os dois textos foram coletados em 20 de outubro de 2017, respectivamente, em <https://www.semana.com/mundo/articulo/bbc-por-que-mas-de-la-mitad-de-los-adolescentes-latinos-culminan-la-secundaria-sin-leer-bien/542278>; e <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41520784>

recuperadas de textos acadêmicos e migrados para textos de regulação do ensino. Seu significado transita do uso técnico/acadêmico ao comum e pejorativo contra a escola e os professores.

Seguindo a perspectiva que estamos defendendo, valeria a pena fazer, junto com professores em formação, um rastreamento desses termos. Eles chegam ao professor por meio de textos acadêmicos, mas autores como Ropé e Tanguy (1994) há muito ensinam a compreender o modo como foram passando do meio empresarial para o educacional, com forte apoio dos documentos governamentais e dos trabalhos acadêmicos, tornando-se cada vez mais comum sua utilização em pronunciamentos de autoridades que chegam à mídia, retornando daí com mais força para a formação de professores.

No presente texto não estamos analisando o documento da UNESCO, mas tomando um momento da trajetória da posição hierarquizante que estamos estudando no sentido de verificar quem é o outro com quem o leitor pode se encontrar no texto. Nos interessa o modo como este outro aparece num texto da mídia e sua condição de exemplaridade do entrecruzamento de discursos de diferentes instâncias de produção. Tanto o rastreamento da trajetória dos termos competência e habilidade, que propusemos acima, quanto o estudo do documento da UNESCO podem ser desenvolvidos ao longo de um semestre.

É importante notar, numa exploração desta matéria em uma classe de professores em formação, que no texto da BBC não se encontra um sujeito jornalista que analisa a situação noticiada e escreve. Não nos referimos aqui a uma assinatura, a um nome de um jornalista, que sequer aparece no texto em espanhol. Estamos nos referindo a uma articulação própria por parte de quem escreveu que demonstre um trabalho sobre os dados. O texto é basicamente



calcado no que está no Informe da Unesco e reforçado pela entrevistada. Não há, sequer uma organização entre enunciados que ilustre um esforço por parte do jornalista em atuar sobre a estrutura do próprio texto. Também não aprecem posicionamentos críticos à perspectiva das competências e habilidades, muito menos uma voz que defenda uma possível habilidade de aprendizado dos alunos latino americanos em aprender, ou em aprender algo que lhes diga respeito a partir de um currículo formulado a partir de seu contexto. Ou seja, a própria absorção de posicionamentos diferentes que garantam uma certa inserção da matéria está presente. Logo, um leitor deste texto não se sente convocado a encontrar um outro no jornalista que o escreve, dado que ele é genérico. Conseqüentemente não é convocado exercer sua condição de outro.

Também nas falas de Montoya inseridas no texto não se encontra uma elaboração própria. Ela repete fragmentos do que está no relatório, que foi elaborado por uma equipe com muitos pesquisadores, mesclando com o senso comum. Quanto a encaminhamentos, também repete posições bastante reeditadas de que se deve melhorar a infraestrutura e a formação dos professores e reafirma a mais recente tendência, a de ampliar o alcance das avaliações a escolas que hoje estão fora da malha avaliativa. Não há referência a uma avaliação que possa ser feita pelo próprio professor e que considere os saberes e os modos de aprender regionais.

Em nenhum momento a entrevistada da BBC fala em cultura local, cultura na qual o aluno está inserido. Pelo contrário, insiste que o desenvolvimento da capacidade leitora é importante para inserir-se na sociedade. Esta afirmação, feita sem uma explicação mais aprofundada do que seja sociedade, pode ser um apelo à aceitação de que o meio onde vive este aluno não esteja incluído na definição de sociedade. No trecho atribuído a Montoya, publicado entre aspas, parece haver

encaminhamento à compreensão do que seja sociedade nesta vertente oficial.

"Carecer de comprensión lectora es una especie de discapacidad o de incapacidad para poder insertarse en la sociedad, poder votar y entender las propuestas de los candidatos, poder tener entendimiento de los propios derechos y deberes como ciudadano. Me parece que afecta todas las dimensiones" (grifos nossos).

Notamos então, no excerto acima, várias camadas de desconsideração do outro. O texto limita-se a reafirmar uma tradição de textos desta natureza: os problemas relacionados ao baixo sucesso escolar de latino-americanos. No caso do texto em português, africanos também são incluídos em sua relação hierarquizada com estudantes do primeiro mundo: "Na África Subsaariana, 88% dos alunos concluem os estudos equivalentes ao fundamental com problemas de compreensão em leitura. Para efeitos comparativos, esse índice cai para 14% na América do norte e na Europa".

Sendo o leitor latino-americano, afrodescendente ou africano, ele não vê seu semelhante como um outro marcando sua diferença no texto, nem mesmo como personagem. O que se lhe dá a ler é uma espécie de proposição: do lugar onde você se encontra não é dado aprender, ter êxito escolar. Sendo o leitor um professor, também latino-americano,... o que recebe desse outro é a imagem de que não aprende porque ele mesmo, nas mesmas condições, não é bom para aprender nem para ensinar. Atribui-se incapacidade à escola, o que significa dizer, ao professor.



CONCLUSÃO

Esses movimentos de textos e leitores observado pelos pesquisadores citados ao longo deste trabalho, entre outros, podem ajudar a explicar a incorporação do discurso do outro em sua formação universitária. Estes estudos permitem verificar que os textos dados a ler na formação universitária têm ao menos três características que precisam ser detectadas e submetidas à análise, por serem propulsoras de uma forma específica de incorporação – a reprodutiva:

- a) silenciam sujeitos, cujas vozes poderiam ser, no mínimo citadas, pois muitas das afirmações que estes textos trazem são de domínio público;
- b) são normativos na medida em que parecem conhecer a realidade sobre a qual discorrem e apontam erros na atuação dos sujeitos que nela atuam;
- c) têm um caráter publicitário, uma vez que promovem, não só perspectivas teóricas como também características do outro com o objetivo de que sejam assimiladas pelo leitor.

Autores como Calkins (1989), seguida por Vita (2006), têm destacado essa hierarquização no ensino da leitura e da escrita, buscando trazer uma outra perspectiva que pode contribuir para os alunos deixarem de ser considerados inferiores em sua relação com os autores lidos e se posicionem de modo mais firme frente aos textos lidos. De acordo com Calkins, quanto mais o leitor tem envolvimento com a escrita dos próprios textos, mais terá condições de saber que há pontos frágeis em toda obra.

Discorrendo a respeito da própria consciência de que não conseguiu cumprir tudo o que gostaria ao escrever seu livro, a autora afirma: Uma vez que sei que por trás de meu próprio livro existe um rei nu, os livros que leio adquirem uma dimensão mais humana. (Calkins, 1989, p. 250).

Ou seja, a proposta de levar a criança a escrever assumir-se como autora desde muito cedo, e de criar condições de escrita para o professor, pode levar à superação da hierarquização que tanto tem dificultado o encontro com o outro na educação por meio do texto. E, para construir relações vitais entre o sujeito, seu idioma e sua cultura, é fundamental o encontro com um outro que o faça compreender a importância de ser sujeito, que essencialize a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. A. N. O texto acadêmico, promocional e a ética do malandro: gestos de análise da incorporação de objetos discursivos em textos. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARZOTTO, V. H. Leitura de propaganda de agrotóxicos: contribuição aos estudos da ideologia da modernização. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992

Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976). 1998. 228 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998a.

Leitura, escrita e relação com conhecimento. Campinas: Mercado de Letras, 2016

ORTEGA RUIZ, P. Editorial. La educación es un encuentro con el otro. Revista Boletín Redipe, v. 6, n. 8, p. 25 - 36, 8 dez. 2017.

CALKINS, L. Arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento do discurso escrito. Porto Alegre: Artes Medicas, 1989.

CIPULLO, T. G. La formación de profesores en Brasil vista a través de las imágenes contenidas



en documentos que la regulan. Revista Boletín Redipe, v. 6, n. 8, p. 37 - 48, 8 dez. 2017.

CIPULLO, T. G. Discursos a respeito da criança e do professor: imagens e consequências em suas formações. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FABIANO, S. A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho Campus Araraquara, 2007.

ROPÉ, F. e TANGUY, L. (Dirs.), Savoirs et compétences: de l'usage de ces notions dans l'école et l'entreprise, Paris, l'Harmattan, 1994.

VITA, E. M. de S. O sujeito, o outro e suas relações com o texto na revisão de textos escolares. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.